

## A Corporalidade na Asa Delta<sup>1</sup>

Emanuelle de Oliveira Camolesi (UFF/Niterói-RJ)

Palavras-chave: parapente; corporalidade; emoções;

### INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

A antropologia dos esportes ou o campo das práticas esportivas<sup>3</sup>, como denominado por Toledo (2001), teve o início de seus debates no final do século XX, década de 1980. Como expõe Guedes (2010, p.433), as abordagens deste campo (anteriormente pertencente a antropologia urbana ou das sociedades complexas) no Brasil, fundou-se nas indagações quanto a noção de lazer<sup>4</sup>. A autora auxilia na compreensão de que os esportes são produtores e reprodutores de identidades e representações sociais, que incorporam diversas temáticas, como sociabilidade, corpo e emoções. Norbert Elias em seu livro “Em busca da excitação” de coautoria com Dunning (1993, p.67) contribuem neste sentido, demonstrando como o estudo do desporto não se restringe aos seus aspectos esportivos, mas fornecem insights quanto as dinâmicas sociais, as mudanças de hábitos, as relações humanas e culturais.

De certo, mesmo já estabelecida entre os campos da antropologia brasileira, o estudo dos esportes ainda é embrionário se comparado com outros campos da disciplina; mais ainda se percebemos os enfoques e destaques dados ao futebol (Guedes, 1977; DaMatta, 2003; Damo, 2007) e às torcidas organizadas (Toledo, 1996; Hollanda, 2012; Damo, 2002). Nos últimos anos, os outros esportes para além do futebol têm sido redescobertos por antropólogos, como o skate (Machado, 2016), os esportes equestres (Rojo, 2009) e o rafting (Bandeira, 2012), para citar apenas alguns.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Importante informar o leitor, que o resumo para a apresentação na Reunião Brasileira de Antropologia foi enviado antes da primeira ida a campo. Idealizou-se primeiro, uma pesquisa no Parque Natural Municipal de Niterói, que era um ponto de decolagem de asa delta e parapente, contudo, descobriu-se na primeira ida a campo que não há mais demanda pelo primeiro esporte, que necessita de uma logística complexa para o manejo de seus equipamentos. Por isso o título da apresentação indica um estudo na prática da asa delta, a outra modalidade de voo livre, mas esteja o leitor atento e informado que será tratado aqui da corporalidade no parapente.

<sup>3</sup> “designação que daria conta melhor de outras dimensões enfocadas, para além dos esportes como práticas modernas competitivas.” (Guedes, 2010, p.444).

<sup>4</sup> Guedes (2010, p.434) trabalha com duas ideias de lazer polarizadas neste trabalho: “de um lado, o lazer como envolvendo práticas da mais absoluta escolha e liberdade pessoal; de outro, como espaço mercantilizado, produzindo uma cultura de massa que impõe aos indivíduos seus padrões de uso do ‘tempo livre’.”

Os esportes de aventura e/ou radicais na natureza começaram a se definir na década de 1960, de acordo com Oliveira (2016) e um desses esportes era o voo livre<sup>5</sup> que incluem as práticas do parapente e da asa delta. A autora aponta também eventos significativos que influenciaram a difusão dos esportes de aventura e/ou radicais, como grandes desastres ambientais, que tornam as preocupações ambientais pouco a pouco mais interiorizadas pelos indivíduos, assim, ganham destaques os movimentos ambientalistas (Oliveira, 2016, p.15-16).

Nesse período, de acordo com a Confederação Brasileira de Voo Livre – CBVL (2014), o norte-americano engenheiro em aerodinâmica David Barish, trabalhando com a NASA, desenvolveu uma espécie inicial do parapente (partindo das criações de asas do norte-americano Francis Rogallo e o australiano John Dickenson, porém diferenciando sua criação pela exclusão de estruturas rígidas no projeto) para o retorno de cápsulas espaciais à terra. Barish testou seu equipamento decolando em 1965 do alto da montanha Hunter em Nova Iorque, dando início a prática do parapente, que antes era chamado de “slope soaring”. Na década de 1980, alpinistas europeus decidiram utilizar seus parapentes ainda em desenvolvimento, para descer de montanhas de maneira mais rápida após chegarem ao topo, e com isso, o esporte ganhou notoriedade (CBVL, 2014).

A primeira decolagem de parapente foi feita na Pedra Bonita/RJ pelos suíços François Knebel e Jerome Saunier, em 1987, formando no ano seguinte, os primeiros pilotos brasileiros, dentre eles, Bruno Menescal campeão do 1º Campeonato Brasileiro de Parapente em 1989 (CBVL, 2014).

Este desporto é composto de conhecimentos específicos, técnica e manejo de equipamentos resistentes ao ar e constante negociação com as condições climáticas que possibilitam sua prática; com princípios aerodinâmicos dependentes da natureza, o parapente se utiliza de elementos como a pressão atmosférica, o aquecimento do solo e do ar pelo sol, para realizar voos não motorizados. Neste esporte, as emoções e o corpo ficam em evidência e ganham novos significados.

---

<sup>5</sup> Como definido pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac): considerado uma modalidade de esporte radical e de alto risco, praticado em todo o mundo e fortemente dependente das condições meteorológicas e geográficas locais. Acesso em 17.06.2024. Disponível em: [Voo Livre — Agência Nacional de Aviação Civil \(Anac\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/voo-livre)

Na pesquisa que me proponho a desenvolver quanto as emoções envolvidas na prática de instrutores de parapente, é importante incorporar as discussões quanto o corpo desses praticantes, foco que aqui se pretende tomar. Pioneiro no estudo das emoções e da corporalidade, Mauss (1981 [1921]) questiona a ideia de que as expressões dos sentimentos seriam exclusivamente fenômenos psicológicos ou fisiológicos, sem influência do social. Assim, Mauss (1981, p.334) apresenta uma trindade que na prática da vida real, não podem ser desassociadas (mesmo que seja possível analiticamente separá-los): o corpo, a consciência individual e a coletividade.

Incorporando esta visão maussiana de que somos seres compostos de um aparelho sócio-psico-biológico e a visão de Rosaldo (2019 [1984], p.38) de que “emoções são pensamentos de alguma forma "sentidos" em rubores, pulsos, ‘movimentos’ de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele”, busco apresentar algumas notas iniciais quanto a corporalidade no esporte descrito, na visão de instrutores de parapente do Parque da Cidade de Niterói<sup>6</sup>. Busco demonstrar como esta categoria de Mauss encaixa-se na visão e leitura da relação intrínseca entre as emoções de um esporte radical e as expressões corporais.

## **CORPO E EMOÇÃO: IMBRICAÇÕES**

Quando o assunto é o corpo ou a corporalidade na antropologia dos esportes, Oliveira (2021, p.141) chama atenção para a importância dessa intersecção como uma temática complexa de entrelaçamentos dialéticos no sentido teórico. Nomes como o de Mauss (2003 [1934]), Bourdieu (1978), Elias e Dunning (1993), e Wacquant (2002), são algumas referências deste campo interseccional.

Frequentemente referenciado, Mauss (2003 [1934]) com a noção de técnica do corpo e as formas de transmissão e assimilação das técnicas corporais (conscientes e inconscientes), estabelece que o corpo é socialmente produzido, pois “há em todo o conjunto da vida em grupo uma espécie de educação dos movimentos” (Mauss, 2003 [1934], p.420). Com um olhar focado no processo educativo, o autor afirma que somos compostos de um aparelho sócio-psico-biológico, ou seja, corpo, mente e a ordem social formam um complexo interligado de elementos, que combina e mistura arranjos e mecanismos individuais e os *habitus* próprios de cada sociedade (*idem*, p.403-404).

---

<sup>6</sup> Todos os nomes que aqui constam são fictícios com o intuito de preservação de identidade desses interlocutores.

Pierre Bourdieu incorpora tal noção de *habitus* ao desenvolver uma teoria da prática, com propostas teóricas e problematizações quanto ao gosto esportivo e os “estilos de vida” associados às práticas esportivas (Guedes, 2010, p.444). Este autor defende uma abordagem analítica mais integrada, de forma que as práticas dos esportes e seus significados sejam entendidos como parte de uma totalidade cultural e social, sendo impossível compreender o esporte como fenômeno isolado (Tomlinson, 2004, p. 163).

Não se pode compreender a lógica através da qual os agentes adotam uma ou outra prática esportiva, uma ou outra maneira de realizá-la, sem levar em conta as disposições em relação ao esporte, que, sendo elas próprias uma dimensão de uma relação particular com o próprio corpo, se inscrevem na unidade do sistema de disposições, o *habitus*, que está na origem dos estilos de vida (Bourdieu, 1978, p.14)

Para ele, a prática do esporte tende a ser uma técnica de sociabilidade e este campo está inserido em disputas pela legitimação tanto pela definição e função das atividades esportivas, quanto pela legitimação dos usos do corpo - os *habitus* esportivos (Bourdieu, 1983, p.8). Este conceito, primeiro utilizado por Mauss, seria o resultado de elementos estruturais e da ação organizada que são interrelacionadas sem que um determine o outro. “It also designates a way of being, a habitual state (especially of the body) and, in particular, a *predisposition, tendency, propensity or inclination*.”<sup>7</sup> (Bourdieu, 1979, p.562 *apud* Tomlinson, 2004, p.166).

A prática do parapente pode ser interpretada como um estilo de vida<sup>8</sup>, que possui *habitus esportivos* circunscritos nas relações entre as disposições dos praticantes, seus corpos, suas emoções e os contextos em que estão inseridos.

O local escolhido para esta pesquisa faz parte o Parque Natural Municipal de Niterói (PARNIT), uma unidade de conservação ambiental de proteção integral com área de 934 ha. O mais conhecido como Parque da Cidade, localizado no alto do Morro da Viração, está a uma altitude de 270 metros<sup>9</sup> e é o único local em Niterói que possui duas rampas de decolagem para voo livre. Inicialmente a pesquisa pretendia explorar o corpo e a emoção na asa delta, porém, hoje no local escolhido, apenas há prática recorrente do parapente, por isso houve uma mudança de um voo para o outro. Devido a organização

---

<sup>7</sup> “também designa um jeito de ser, um estado habitual (especialmente do corpo) e em particular, uma predisposição, uma tendência, propensão ou inclinação.” (Tradução minha).

<sup>8</sup> Como explica Mattos (2011, p.305), “todo estilo de vida é a manifestação de uma visão de mundo, e esta nunca é neutra, mas, ao contrário, é a expressão de uma normatividade que serve de base para julgar quem a pessoa é em todas as dimensões da vida, sendo pautada por distinções”.

<sup>9</sup> Estas informações encontram-se no próprio Parque, em placas e murais informativos.

do mestrado, ainda cursando as disciplinas, foram possíveis poucas idas a campo que compõem estas notas iniciais.

Conversando com os instrutores de parapente, me contaram que o processo de aprendizagem da prática é feito por etapas: primeiro se conhece os equipamentos e os protocolos de segurança, aprende-se a inflar a vela do parapente no chão e mantê-la exatamente acima da cabeça (sem permitir que a vela ultrapasse o praticante e nem o praticante ultrapasse a vela). Treina-se este inflar no solo e é a partir deste treinamento que alguns dos interlocutores disseram passar a construir uma relação entre seu próprio corpo e o parapente. O aperfeiçoamento da técnica depende de cada aluno, de cada contexto e a frequência em que o aluno pratica, porém após o aval do instrutor de que tal técnica foi bem desenvolvida, o aluno passa a decolar de morros de pequenas altitudes diversas vezes, treinando decolagem, pouso e comandos no ar.

Mas todo esse processo só ocorre após uma apresentação do esporte. Importante ressaltar que esta é a forma que os interlocutores descrevem o que fazem ao decolar com passageiros no Parque da Cidade de Niterói. Como não há uma regulamentação para a profissão de voo livre turístico e comercial, os instrutores encaram cada decolagem como uma nova oportunidade de apresentar este esporte a um aluno em potencial. Allan, instrutor de parapente há 20 anos, esclarece:

A gente não tem como avaliar se o cliente só quer fazer uma descida ou se o cliente depois vai querer seguir carreira nesse esporte, entendeu? É como se ele fosse um esportista em potencial sempre. E a gente não têm como avaliar isso antes, a gente vai apresentar o esporte. E o que a gente faz é isso, apresenta o esporte. (Diário de campo de 26 de abril de 2024).

Allan também comenta, quando conversávamos sobre como o corpo influencia nos comandos dados ao parapente<sup>10</sup>, já que o parapente é uma aeronave composta de tecidos e linhas especiais em que a posição para voo é sentado numa selete<sup>11</sup> (FPVL,

---

<sup>10</sup> Como foi confirmado por outros instrutores, o comando do parapente é mais concentrado nas mãos e nos movimentos dos braços do que o corpo todo, contudo, o corpo funciona ali como um pêndulo estabilizador que, em conjunto das outras ações atuando sobre o parapente (como o vento), influenciam nos comandos. Júlio, instrutor de parapente há 11 anos, explica que "se controla mais com os braços, mas o corpo faz toda diferença. O seu corpo é como um pêndulo com o parapente, ele vai dar umas balançadas quando se dá o comando de virar e você tem que sempre ir estabilizando ele, pra ficar sempre no centro, como o pêndulo vai balançando de lá pra cá, até ficar no meio de novo. Seu corpo é como uma continuação do parapente, porque quando você decolar, quando você dá energia a ele, o movimento dos braços para trás puxando as linhas para inflar a vela, é como se seu braço fosse uma extensão das linhas, você é parte do parapente." (diário de campo de 26 de abril de 2024).

<sup>11</sup> Espécie de cadeira com uma mochila acoplada feita de tecido resistente e costura reforçada, presa por dois mosquetões ao parapente.

2008). De acordo com a sua fala, percebe-se um esquema de percepção e ação que vai se internalizando através da prática, nas interações cotidianas e nos rituais sociais desta, fazendo com que este *habitus* se torne parte integrante do praticante. Bourdieu explica que o aprendizado se dá principalmente pela repetição e o treinamento é importante para o desenvolvimento de habilidades que resultam em uma naturalização das práticas. Esta naturalização permite o “ajustamento entre a demanda social e a execução por um corpo específico, permitindo acertos com o mínimo de esforço físico e cognitivo.” (Almeida, 2023, p.14).

Vira algo natural pra você. Você vai inflar, pôr na cabeça, ter aqueles comandos de segurança, como olhar se está bem afivelado, se não tem nenhuma corda travando, se o freio não tá embolado... então são coisas que ficam tão no automático conforme você vai fazendo, porque é automático, fica parte do seu corpo. Conforme você vai fazendo o treinamento no solo, o parapente vai se tornando uma parte do seu corpo e conforme você vai voando, lá em cima, você já vai também ficando assim... familiarizado com o seu corpo, se eu jogar meu corpo um pouquinho pra cá o parapente dá uma virada, se eu puxar um freio ele vira dessa forma, se eu der uma freada nos dois, ele reduz a velocidade... então assim... são construções que com o passar do tempo, parapente e teu corpo, é a mesma coisa. A mente nem trabalha, você vai no automático. Faz no automático. É doideira. *risos* (Allan, instrutor há 20 anos, diário de campo de 26 de abril de 2024).

Wacquant (2002), desenvolve uma pesquisa que não apenas examina o corpo como objeto de estudo, mas também utiliza o corpo como ferramenta de investigação e veículo de conhecimento *from the body*. Para tal, embasado na afirmação de Bourdieu de que “aprendemos pelo corpo”, ele apresenta uma pesquisa que problematiza o seu próprio *habitus* no aprendizado do boxe, propondo novos insights valiosos ao pesquisador que puder colocar “seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar” (Wacquant, 2002, p.12).

A complexa intersecção entre prática, corpo e emoções é percebida pelos instrutores de parapente do Parque da Cidade de Niterói. Este *habitus* passa a ser construído quando os passageiros apresentados ao esporte, tornam-se alunos desses instrutores. Mas não são todos os passageiros (ou clientes, categoria também mobilizada pelos instrutores) que têm o interesse em mais do que uma única decolagem.

Em um momento em que estávamos sentados nos banquinhos abaixo da árvore localizada que fica em frente a rampa norte<sup>12</sup>, uma senhora aguardava a chegada de sua filha que possuía seu primeiro voo agendado com o instrutor de parapente Camillo. Esta comentou que em sua opinião, um primeiro voo de parapente com duração de 3 minutos não valeria a pena. Tentava ainda compreender o mantra que um dos instrutores acabara de repetir “no adrenalina, only endorfina”, quando passei a prestar atenção na conversa com a reação de Camillo ao rir, argumentando e desafiando aquela moça a deixá-lo provar que se decolassem juntos, a senhora provavelmente sentiria que esses minutos teriam sido muito mais do que apenas três. A senhora pareceu ficar intrigada e pediu para que ele explicasse seu argumento. Então, Camillo passou a descrever como, em sua experiência de 15 anos como instrutor, geralmente as emoções e as respostas corpóreas estão interligadas na prática deste esporte, e que nas primeiras decolagens são ainda mais intensas, o que resultaria para ele, nesta falta de apreensão do tempo real da duração da experiência.

Em que o voo é prazeroso e tal, isso dura em torno de 5 minutos. Quando o voo dura mais do que isso, quando passa esses primeiros 5 minutos, os 10 minutos seguintes é o deslumbramento, a pessoa começa prestar atenção em outras coisas, fora do que ela está sentindo, como o medo. Ela vai olhar e dizer ‘olha! aquela casa parece uma maquete!’, “aquela árvore parece um brócolis!”. O pessoal começa a notar por que passou aqueles 5 minutos de adrenalina, então esses comentários vêm nos primeiros dez minutos. Depois que passa esse tempo, é mais ou menos tá?! Aí você vê que a pessoa começa a olhar pra cima, nisso, já sei que ela está entrando na terceira fase, que é a fase de tentar entender como que aquele troço está voando. Aí ela vai olhar, vai perguntar, eu vou explicar, se der eu coloco a pessoa pra pilotar, pra pessoa entender como é que pilota... Tudo isso vêm aos poucos. Depois que passa essa fase, vem a fase de enjoo, que geralmente leva uns 5 a 8 minutos dessa fase de querer entender. Vem a fase em que a pessoa relaxa mais, e aí começa a enjoar. Por que o que dá o enjoo fisiologicamente falando? Quando a gente está aqui [no Parque], quando ela tá conversando aqui,

---

<sup>12</sup> O cenário hoje é de duas rampas amplas de concreto, norte e sul, todo o chão destas é de um verde grama e as bordas das rampas são sinalizadas em tinta amarela. O acesso para a rampa sul conta com um corrimão que protegem de quedas dos lados direito e esquerdo desta rampa; contando também com uma luneta de observação na ponta esquerda da rampa. A rampa norte não dispõe de corrimão em seus lados (há corrimão até a elevação da rampa, nela propriamente, não há), porém há uma elevação de um degrau para acessá-la (com uma rampa do lado direito para acesso de cadeirantes) em frente a única árvore que promove alguma sombra nesta parte do Parque. Foi explicado por Gabriel e alguns instrutores, que o Parque da Cidade contava apenas com uma rampa improvisada, a que hoje é a rampa norte. “A rampa era toda em placas, porque na realidade aquela rampa ali, ela é uma pedra, tem uma pedra embaixo, então muito tempo atrás tinha essa pedra, e para não decolar em cima da pedra [escorregadia], os caras colocaram um aterro em cima da pedra e colocaram umas placas de concreto grandes, então tinha um quadrado ali mais ou menos de 10x10. E aí depois, a gente puxou essa rampa pra trás e depois esticamos ela pro lado direito, aí ela hoje é desse tamanho, porque a gente abriu ela.” (Conversa com Pedro, praticante há 24 anos, do diário de campo de 26 de abril de 2024).

tá tudo bem, mas se eu pego a select e coloco em você, você já vai se travar toda por dentro, porque tem uma descarga de adrenalina direto quando a pessoa vai decolar, por isso a fala dele de “no adrenalina, only endorfina” porque a pessoa fica... [a adrenalina] é uma proteção natural nossa em forma de medo. Então você está travado de adrenalina ali, aí quando a gente sai... Imediatamente quando você sente que a cadeira te abraça [no ar], você sente aquela segurança, você tem uma descarga de endorfina, essa descarga que te dá um relaxamento. Tem gente que essa descarga é tão forte que chega a baixar a pressão. Quando passa, depois de 20 minutos e pouco, que a pessoa já se entendeu, a endorfina vem relaxando mais ainda, principalmente relaxando a área abdominal que era onde mais tava e fica travado no início. Quando relaxa isso tudo, vem o enjoo, ânsia de vomito e essas coisas. Geralmente tá?! Então essa primeira fase dos 5 minutos é a fase de você perder o medo, gritar e tal, e geralmente é a mais intensa. Por isso que eu te digo, num primeiro voo de 4, 3 minutos, quando passa, você vai chegar lá achando que durou 15. Você passa a curtir imediatamente, entendeu? Acontece as vezes de pessoa chegar [para decolar] e não falar nada de medo, aí está aqui e tá todo travado; quando sai, quando decola, eu vejo a pessoa sentada, ela vira pra mim e fala “Camillo, vou te falar uma coisa!”, eu já sei o que é, mas deixo eles continuarem, “eu morro de medo de altura e agora eu tô aqui e tô me sentindo bem!” (Diário de campo de 01 de maio de 2024).

É possível identificar em sua explicação, a complexa interconexão entre os aspectos psicológicos, biológicos e sociais que atravessam a experiência do indivíduo em um voo de parapente, mantendo em perspectiva que há variáveis.

O elemento psíquico é enfatizado pelo que ele mesmo chama de deslumbramento e pelo medo. Tais emoções são sentidas também pelo corpo que responde biologicamente, em um entrelaçamento entre a psique e a matéria, descrito em sua fala pelas descargas de adrenalina e endorfina, que são substâncias químicas do corpo humano, a primeira responsável pelo aumento da tensão arterial e do ritmo cardíaco na disposição física, emocional e mental excessiva na realização de algo (ADRENALINA, 2024), também conhecida como hormônio do estresse; a segunda, é liberada pelos neurônios e possui poder analgésico (ENDORFINA, 2024), também conhecida como o hormônio do bem estar.

Camillo enfatiza que os primeiros voos realizados, geralmente sucedem em reações mais intensas que podem gerar, em voos mais longos, reações biológicas desconfortáveis como a queda de pressão e a ânsia de vomito. Isto pode ser interpretado, não apenas como fenômenos biológicos exclusivos, mas como uma reação inicial mediada por fatores sociais e culturais.

As expectativas e reações dos indivíduos antes do voo são moldadas por suas experiências já vivenciadas, seus *habitus*. Camillo nota que os passageiros carregam consigo não apenas suas experiências pessoais (ou, como neste caso, a falta deste *habitus* esportivo), mas também normais sociais e culturais (quanto a concepções como altura, risco e esporte) que influenciam em suas reações emocionais, corporais e em como os passageiros abordam a experiência do voo. Através de relatos, notícias e histórias compartilhadas (principalmente pela mídia) e de normas culturais que cercam a prática de um esporte de risco como o parapente, as emoções expressas, como o medo, são profundamente influenciadas e moldadas socialmente.

Sob a ótica da teoria de Elias, a fala de Camillo poderia ser interpretada como um exemplo de como o esporte pode servir como válvula de escape para emoções intensas de forma estruturada, que em outros espaços, não permitiriam tal conduta (como o grito, por exemplo). Explorando a relação entre o corpo e dos comportamentos da corte inglesa, Elias e Dunning (1992) com uma abordagem historiográfica destacam o que seria, para eles, o papel crucial da prática esportiva moderna: o autocontrole e canalização dos impulsos agressivos de forma estruturada e regulamentada que, articulado com o “processo civilizatório” na Europa do século XIX, contribuiria como demanda social para um maior controle de tais impulsos para a integração e convivência dos indivíduos na sociedade civilizada de forma harmoniosa e a manutenção da ordem social.

A teoria de Elias é muito utilizada em análises quanto o campo esportivo, no entanto, é crucial reconhecer que tal interpretação pode limitar as percepções da diversidade cultural das emoções e expressões corporais produzidas e seus significados, nos esportes. Rojo (2016), chama atenção para a generalização de Elias ao identificar um contexto entre França e Inglaterra, aplicando e ampliando tal lógica como chave interpretativa universal.

Rojo critica o uso universal de Elias para o estudo da função das emoções no meio esportivo, argumentando que sua visão restrita da emoção a uma esfera bio-psíquica “limita a possibilidade de estender esta análise para além de uma tentativa de compreender o processo de ‘esportivização’ de determinadas atividades de lazer” (Rojo, 2016, p.5). O autor propõe então uma perspectiva contextualista<sup>13</sup>, que interprete a dimensão emotiva nas práticas esportivas em contextos sociais mais amplos que o modelo

---

<sup>13</sup> Ancorado nas perspectivas teóricas de Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz.

pensado por Elias. Segundo sua perspectiva teórica, a produção e significação das emoções ”devem ser entendidas a partir de cada contexto cultural específico e de sua posição no interior das demais práticas sociais” (*idem*, p.6).

Um exemplo destas significações e as formas que a leitura das expressões corporais e emotivas dos “outros”, é socialmente influenciada e moldada, e não universal, em uma conversa que envolvia Romeu, instrutor de parapente há 20 anos e Camillo, ambos comentaram sobre um trio de turistas franceses que visitara o parque para a comemoração do aniversário de um dos integrantes. Romeu contava como com um desses passageiros o parapente foi mais alto do que o comum, por conta de uma térmica encontrada no meio do caminho até o pouso. O instrutor descreveu que a passageira parecia, em sua visão, tremer demasiadamente, interpretado como medo por Romeu; tanto que a questionou se gostaria que a experiência terminasse mais rapidamente, ao que, me contou que a moça abriu um sorriso, seu corpo ainda tremendo muito e disse estar em um misto grande de emoções, dentre elas o medo e felicidade, mas que estava adorando a experiência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não se pretende chegar a conclusões neste trabalho, mas articular e aproximar as concepções teóricas aqui apresentadas quando as intersecções entre emoções e corpo às nativas do campo escolhido. Ainda se pretende entender melhor as diversas significações de tal intersecção na prática do parapente para os instrutores do Parque da Cidade de Niterói.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADRENALINA. In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2024. Acesso em 15.07.2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adrenalina>

ALMEIDA, José Guilherme de Andrade. *TEM UM CORPO NO MEU FOLCLORE: diálogos sobre a construção da corporalidade em contextos de alteridade*. XIV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL 2023. GT107 - Políticas culturais, performances y expresiones artísticas en ciudades latinoamericanas. Niterói (RJ). 01 a 04 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=267>

ANAC - Agência Nacional de Aviação Civil. *Voo livre*. 2021. Acesso em 17.06.2024. Disponível em: [Voo Livre — Agência Nacional de Aviação Civil \(Anac\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/voo-livre)

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo?* Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), março de 1978. Disponível em: [Como é Possível Ser Esportivo Pierre Bourdieu \(usp.br\)](#)

CBVL - Confederação Brasileira de Voo Livre. *A história do voo livre*. 2014 Acesso em 17.06.2024. Disponível em: [https://www.cbvl.esp.br/upload/letters/A\\_historia\\_do\\_voo\\_livre.pdf](https://www.cbvl.esp.br/upload/letters/A_historia_do_voo_livre.pdf)

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Introdução*. In: A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

ENDORFINA, In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Acesso em 15.07.2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/endorfina>.

FPVL - Federação Portuguesa de voo livre. *Tipos de aeronaves*. 2008. Acesso em 17.06.2024. Disponível em: [FPVL >> Federação Portuguesa de Voo Livre - Parapente e Asa Delta](#)

GUEDES, Simoni. *Esporte, lazer e sociabilidade*. In: MARTINS, B.; DIAS DUARTE, L.F. (coords.). Antropologia. Col. Horizontes das Ciências Sociais no Brasil, ANPOCS, 2010.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. Tradução: Paulo Neves. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, pp.399-422, 2003.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos*. In: Ensaios de Sociologia. São Paulo: Editora Perspectiva, pp. 325-335, 1981.

OLIVEIRA, Cilene Lima de. *“O corpo não translada, mas muito sabe”*: refletindo sobre construção de corporalidades na Antropologia dos Esportes no Brasil. In: CAMARGO, Wagner Xavier de. PISANI, Mariane da Silva. ROJO, Luiz Fernando. Vinte anos de Diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira. Brasília: ABA Publicações. 1 ed. 2021.

OLIVEIRA, Cilene. *Aventura, Performance, Sofrimento: construção de corporalidades em Esportes de Aventura*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGA/UFF. Rio de Janeiro, 2016.

ROJO, Luiz Fernando. *O estatuto das emoções nas práticas esportivas*. Atas do IX Congresso Português de Sociologia. Faro, 2016.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Em direção a uma antropologia do self e do sentimento*. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, n. 54, pp. 31- 49, dezembro de 2019 ISSN 1676 8965.

TOMLINSON, Alan. *Pierre Bourdieu and the Sociological Study of Sport: Habitus, Capital and Field*. In: GIULIANOTTI, Richard: Sport and Modern Social Theorists. Hampshire: Palgrave, 2004.